

2015

InFover

InfoVer – Informativo sobre o Mercado de Leite de Vaca do Campo

Uma publicação do DCECO- UFSJ

Ano VIII Nº 79 – Agosto de 2015

Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ
Campus Santo Antônio
Praça Frei Orlando, nº 170 – Centro
São João del-Rei – Minas Gerais – CEP: 36307-904
Tel.: +55 32 3379-2300
www.ufsj.edu.br
Departamento de Ciências Econômicas – DCECO
Tel.: +55 32 3379-2537 – E-mail: infover@ufsj.edu.br
Coord.: Prof. Norberto Martins Vieira
Técnico Administrativo: Paulo Afonso Palumbo
Mestrando PUCRS: Alexandre Rodrigues Loures
Acadêmicos UFSJ Gabriel Costa
Mariana Carolina da Silva

São João del-Rei, Agosto de 2015



Termos de troca milho, soja e leite

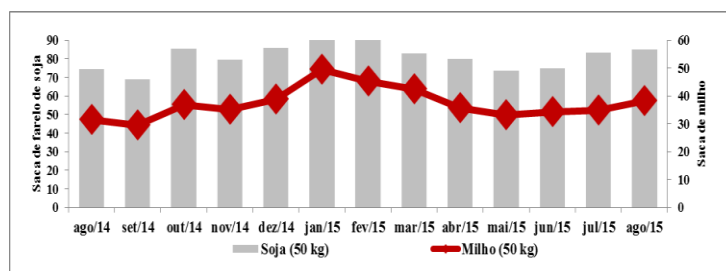
Os preços dos insumos pesquisados pelo DCECO (Departamento de Ciências Econômicas), em Agosto de 2015, comparados a julho de 2015, segundo mostra a Tabela 1, apresentaram variações.

Os produtos que obtiveram aumento no preço foram: Ração para vaca, com 24,71%, Milho, com 18,18%, Ração de bezerro, com 11,11%; farelo de soja, com 9,43 %; Sal mineral, com 4,83%, poupa cítrica, com 3,16. Apenas o farelo de Trigo e farelo de algodão apresentaram queda, com respectivamente 4,20% e 2,17.

Conforme se pode observar na Tabela 2 e Figura 1, no que se refere à relação de troca de soja por litros de leite, em São João del-Rei, verifica-se acréscimo de 2,05%, em Agosto. Isto ocorreu porque o produtor precisou de 85,06 litros de leite para adquirir uma saca de farelo de soja, enquanto que, no mês anterior, esta exigência era de 83,06 litros de leite.

Para a relação de troca entre o milho/litros de leite em São João del-Rei, também registra um aumento de 9,68%. Isso porque, em Agosto o produtor precisou trocar 38,25 litros de leite para adquirir uma saca de milho, enquanto que, em julho, esta relação era igual a 34,84 litros de leite.

Figura 1 - Litros de leite necessários para adquirir uma saca de milho ou uma saca de soja.



Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Economia).

Tabela 2 – Relação de troca milho, soja e leite, São João del-Rei

Mês	Farelo de soja		Milho	
	2015	%*	2015	%*
Jan	99,75 L	16,09	49,42L	27,58
Fev	90,57 L	-9,20	45,18L	-8,58
Mar	82,82 L	-8,55	42,52L	-5,87
Abr	80,09 L	-3,30	35,68L	-16,10
Mai	73,39 L	-8,36	33,28L	-6,72
Jun	75,00 L	2,19	34,14 L	2,60
Jul	83,35 L	11,14	34,84 L	2,14
Ago	85,06 L	2,05	38,25 L	9,68
Set				
Out				
Nov				
Dez				

Fonte: DCECO/NEPE – (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Economia).

Nota: *Variação em relação ao mês anterior. ** Litro

Tabela 1 – Preço médio dos insumos agrícolas em São João del-Rei, Agosto de 2015

Produto	QUANT. (KG)	R\$	Variação em relação ao mês anterior	Produto	Kg	R\$	Variação em relação ao mês anterior
Ração p/vaca	40	53,00	24,71%	Ração bezerro	40	53,00	11,11%
Sal mineral	30	52,50	4,83%	Farelo soja	50	79,50	9,43%
Farelo de trigo	40	26,25	-4,20%	Farelo algodão	50	54,00	-2,17%
Polpa cítrica	50	27,75	3,16%	Milho	50	35,75	18,18%

Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Economia).

Descarte de Vacas com Mastite Crônica

*Henrique de Oliveira Volpe
Estudante de Medicina Veterinária*

Denomina-se mastite a inflamação da glândula mamária do animal, causada na maioria das vezes por uma infecção bacteriana, cuja evolução depende de caso para caso, podendo ser crônica ou aguda. A evolução crônica seria o processo inflamatório que ocorre de forma lenta e progressiva. Normalmente esses casos são decorrentes de mastites agudas que não foram tratadas ou então tratadas de forma ineficiente. A maneira correta de se tratar a mastite clínica, e com isso evitar que ela se torne crônica, é continuar com a medicação por mais três aplicações após os sintomas desaparecerem (sumir o grumo). Caso esse procedimento não seja adotado, as bactérias podem sofrer mutação, com conseqüente desenvolvimento de resistência à base do antibiótico usado. Essa condição pode ser o ponto de partida para uma infecção persistente do tecido mamário e a apresentação da doença vai depender da bactéria causadora da mastite, do medicamento usado no tratamento e das características individuais do animal.

Ressalta-se ainda que o problema pode ser conseqüência de um traumatismo local, ou seja, alguma agressão ao úbere do animal. Com relação à

apresentação clínica, a mastite crônica pode ser caracterizada pelo endurecimento e deformidade do quarto afetado.

O úbere do animal ainda pode apresentar-se avermelhado, tenso ou retraído. O problema não tende a se resolver espontaneamente, principalmente se for causado pelas bactérias *Staphylococcus aureus* e *Streptococcus agalactiae*, responsáveis por promover a mastite contagiosa. Nesse caso, as bactérias têm mecanismos de atuação na glândula mamária que em alguns períodos da lactação podem agravar a inflamação e em outros momentos há melhora.

Com isso, é normal que os sintomas e sinais persistam por muito tempo. No caso de infecção por *Staphylococcus aureus*, o tratamento é caro e deve ser feito nos períodos em que o animal não esteja produzindo leite. Porém, o resultado nem sempre é satisfatório, estimando-se a porcentagem de 30% de cura, o que é considerado baixo. Outro fator que devem ser levados em conta para se tratar ou não o animal acometido, seriam o estágio da lactação, a idade do animal e o histórico de ocorrência de mastite clínica. Vacas mais velhas e próximas do final da lactação apresentam menor chance de cura.

A mastite crônica além de gerar despesas com tratamento faz com que a vaca produza menos leite e este não pode ser destinado à indústria. Caso contrário, haveria elevação da Contagem de Células



Somáticas (CCS) do leite do tanque. Além disso, esses animais são focos persistentes dos agentes causadores da doença, sendo potenciais contaminadores de animais sadios. Animais que passam por 3 a 4 tratamentos e continuam com alta CCS, vacas com período de descarte do leite superior a 30 dias, que apresentaram mais de três casos de mastite clínica na mesma lactação e não responderam ao tratamento de vaca seca de forma satisfatória, devem ser descartadas. Essa medida é considerada emergencial, e mesmo sendo a maneira mais rápida e prática de se resolver o problema, não deve ser usada como único método para controle de mastite. Logo, para evitar tais perdas econômicas e produtivas, é de extrema importância a prevenção de novos casos de mastite que posteriormente possam apresentar-se casos crônicos. Isso pode ser feito através de higiene na ordenha, limpeza do ambiente em que as vacas se encontram, uso de medicamentos específicos e de boa qualidade e mão de obra qualificada.

Edição 287 . Ano XXII . Março de 2013 . Viçosa -
MG



DCECO – Departamento de Ciências Econômicas
Praça Frei Orlando, 170 – Centro – São João del-Rei – MG – CEP: 36307-904
Tel.: +55 32 3379-2537 – E-mail: infover@ufsj.edu.br
InfoVer: Disponível em www.ufsj.edu.br/dceco



Mercado da bovinocultura leiteira de São João del Rei

De acordo com a Tabela 3, que traz o resultado do levantamento feito pelo Departamento de Ciências Econômicas a respeito dos preços médios dos derivados do leite de São João del-Rei, observam-se que houve uma variação referente ao mês de Agosto de 2015, quando comparado a Julho de 2015. Sendo que os derivativos que obtiveram variação positiva em seus preços foram: o queijo mussarela com aumento de 33,51%, e o leite longa vida com 5,03%. O queijo prato foi o único item da lista que apresentou queda 16,78%. O queijo minas frescal não apresentou variação no período analisado.

Tabela 4 – Preço médio do leite Tipo C pasteurizado em São João del-Rei

Mês/Ano	R\$	Var %*
Ago./2014	2,07	0,00
Set./2014	2,07	0,00
Out./2014	2,07	0,00
Nov./2014	2,07	0,00
Dez./2014	2,07	0,00
Jan./2015	2,08	0,48
Fev./2015	2,08	0,00
Mar./2015	2,08	0,00
Abr./2015	2,08	0,00
Mai./2015	2,08	0,00
Jun./2015	2,08	0,00
Jul./2015	2,08	0,00
Ago./2015	2,09	0,48

Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Economia).

Nota: *Variação em relação ao mês anterior

Tabela 3 – Preço médio por kg dos derivados do leite e do leite longa vida (litro) de São João del-Rei

Produto	2014					2015							
	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago
Mussarela	20,86	21,50	21,55	21,50	21,55	22,15	22,85	23,15	23,10	22,50	22,60	18,90	25,23
Queijo Prato	18,70	18,95	18,90	18,80	18,90	18,90	20,45	20,45	20,50	20,35	20,80	27,99	23,29
Minas Frescal	13,56	14,65	15,00	15,10	15,45	15,45	16,80	16,75	16,25	16,35	16,35	19,99	19,99
Longa Vida	1,99	2,03	2,03	2,03	2,02	2,02	1,99	1,99	1,97	1,97	1,97	1,99	2,09

Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Economia).

Em relação ao preço líquido médio do leite pago ao produtor, segundo (Tabela 5), observaram-se alterações no mês de Agosto. Na média estadual, quando comparado Julho de 2015, houve um acréscimo de 1,06%. A média nacional apresenta também aumento de 3,36%.

Na região da Zona da Mata, segundo (Tabela 5) e (Figura 3), em Agosto, registrou-se um aumento de 8,18% no preço pago ao produtor quando comparado a Agosto de 2015, registrando novo preço médio do litro de leite em R\$ 0,9346.



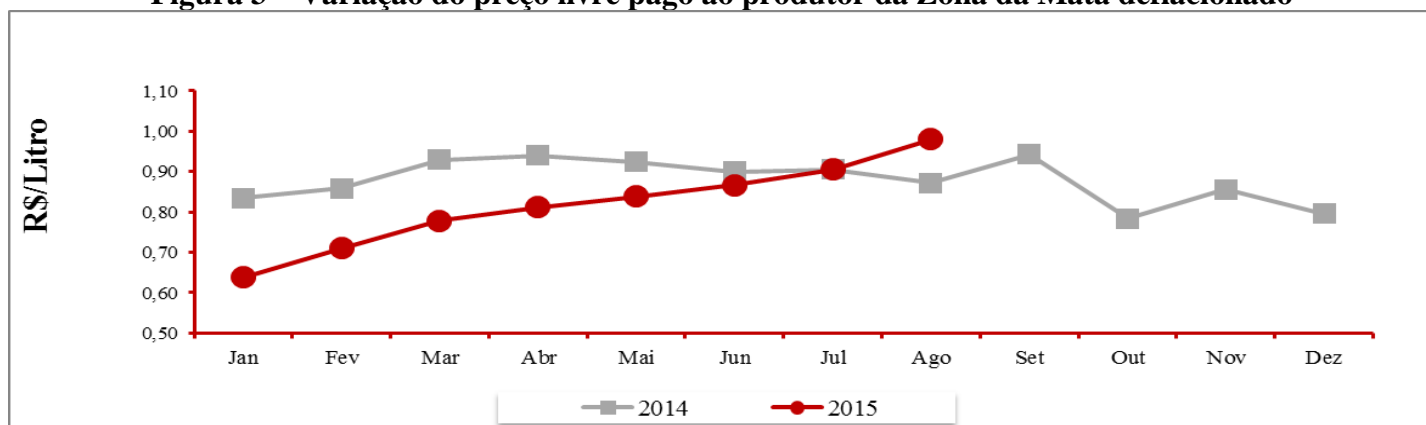
Tabela 5 – Preço líquido do litro de leite, junho de 2015

MESORREGIÃO	PREÇO LÍQUIDO MÉDIO	VARIÇÃO EM RELAÇÃO AO MÊS ANTERIOR (%)
ZONA DA MATA	0,9346	8,18
MÉDIA ESTADUAL	1,0126	4,25
MÉDIA NACIONAL	0,9964	3,36

Fonte: Cepea (2015). Boletim do leite. Disponível em: <http://www.cepea.esalq.usp.br/leite/boletim/216.pdf>.

*Nota: Valor deflacionado pelo IGP-DI

Figura 3 – Variação do preço livre pago ao produtor da Zona da Mata deflacionado



Fonte: DCECO/NEPE (Departamento de Ciências Econômicas - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Economia)

Muitos produzem pouco e poucos produzem muito

*Sebastião Teixeira Gomes
Prof. da Universidade Federal de Viçosa*

Uma pergunta frequente entre os que se dedicam à pecuária leiteira é a seguinte: A produção de leite é uma atividade típica de pequenos produtores? A resposta é sim e não. Se o critério de decisão for o número de produtores a resposta é sim. Isto porque os

pequenos produtores (até 100 litros/dia) representam 42% do número de pecuaristas, segundo pesquisa realizada em Minas Gerais, onde foram entrevistados 4.468 produtores.

Por outro lado, se o critério de decisão for a quantidade de leite produzida a resposta é não, visto que a produção dos pequenos produtores responde por apenas 7% da produção total. Nas faixas de maior produção acontecem inversão nos dados de



produção e número de produtores. Os de mais de 500 litros/dia representam apenas 11% do número de produtores, porém respondem por 55% da produção. Em resumo, muitos produzem pouco e poucos produzem muito. Outra questão frequentemente discutida diz respeito à produtividade das vacas ordenhadas (vacas em lactação mais falhadas).

Em razão do elevado número de pequenos produtores, que pouco contribuem com a oferta de leite, eles arrastam para baixo a produtividade média, dando a impressão de que a pecuária nacional, de um modo geral, é retardatária. Para melhor entender o comportamento da produção de leite há necessidade de análises segmentadas, como as que se seguem: na faixa de até 50 litros/dia, a produtividade média corresponde a 2,49 litros/vaca/ dia. Entre os produtores de 50 a 200 litros, 5,67 litros/vaca/dia; na faixa de 200 a 500 litros, 7,02 litros/vaca/ dia; de 500 a 1000 litros, 8,57 litros e acima de 1000 litros, 9,64 litros/vaca/ dia. Os dados apresentados permitem concluir que a maior parte do leite produzido no país é proveniente de rebanhos com produtividades superiores a 3.200 litros/vaca/ano; sempre lembrando que são vacas em lactação mais falhadas. Ainda que exista um longo caminho a percorrer, já caminhamos muito.

Para descobrir esta realidade não se recomenda trabalhar com a média/vaca de todos os rebanhos. Finalmente, dados recentes têm demonstrado que os produtores estão mudando de faixa de produção.

Quem antes produzia 200 litros, passou para 300, quem produzia 300 passou para 400 e assim adiante. Os ganhos de produtividade acontecem na mudança da faixa.

